

Filosofia da Educação e formação de professores em algumas universidades brasileiras entre os anos 40 e os anos 60.

Elisete M. Tomazetti

Resumo:

Neste estudo são apresentados alguns elementos significativos da constituição histórica da disciplina Filosofia da Educação nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), entre os anos de 1940 e os anos de 1960. Destaca-se a importância que os estudos filosóficos sobre educação tiveram para os cursos de formação de professores, a relação estabelecida com as ciências da educação, os diferentes programas de ensino desenvolvidos, assim como as características que assumiram em cada instituição.

Palavras-Chave:

Filosofia; Educação; formação

Professora do Centro de Educação da
Universidade Federal de Santa Maria-
UFSM/RS

Este trabalho é resultado de minha pesquisa de doutoramento, na qual procurei investigar a trajetória de constituição da disciplina Filosofia da Educação nos cursos de formação de professores de algumas universidades brasileiras, na estrutura das históricas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, estabelecida pelo Estatuto da Universidade Brasileira de 1931.

A construção disciplinar da filosofia da educação, no Brasil, pode ser compreendida à luz de três processos simultâneos, os mesmos que Nóvoa (1996, p.3-4) descreveu em relação ao nascimento da disciplina História da Educação em Portugal e grande parte da Europa. Tais processos seriam: a estatização do ensino, a institucionalização da formação de professores e a cientificação da pedagogia¹.

Com relação à estatização do ensino, pode-se afirmar que o Estado brasileiro foi, gradativamente, assumindo sua função educadora, sustentado pelos ideais republicanos. Embora, já na primeira república fossem manifestadas preocupações com o elevado número de analfabetos, não houve, no entanto, uma forte demanda por educação, desobrigando, conseqüentemente, o Estado da construção de um sistema nacional de ensino calcado nos ideais democráticos². Permanecia a dualidade de sistemas de ensino. A união seria responsável pela criação das instituições de ensino superior e secundário, nos estados, e pela instrução secundária, no Distrito Federal. Aos estados caberia a criação e manutenção do ensino primário e do ensino profissional.

Somente a partir dos anos 30, do século XX, com a emergência de uma tardia revolução industrial e do reordenamento político e cultural da sociedade brasileira é que surgiriam significativas demandas por uma educação pública, gratuita e universal, que exigiriam do Estado seu papel de educador, fato que havia ocorrido em países da Europa já no final do século XIX. A educação e a escola passaram a ser compreendidos, a partir dos parâmetros dos ideais democráticos da escola nova, que se disseminaram pelo país. Porém, importa ressaltar que, nesse novo contexto brasileiro, a escola e a educação foram considerados elementos potencializadores do desenvolvimento do país. Com o ensino primário sendo colocado ao alcance das camadas populares, intensificaram-se as preocupações acerca da melhor forma de ensino, da melhor escola e, conseqüentemente, da necessária formação para os professores, os agentes responsáveis por tal mudança. Era preciso portanto, dar atenção especial às instituições formadoras de professores.

Marcadas por um caráter generalista e enciclopédico, nossas escolas normais foram, até meados dos anos 20 desse século, as únicas instituições formadoras de professores. A partir do fortalecimento das idéias escolanovistas e das novas demandas por educação, tornaram-se essenciais as preocupações com os aspectos técnico-profissionais do ensino normal. A formação de professores para o ensino secundário somente foi institucionalizada a partir da criação, em 1934, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e, em 1939, com a instituição do modelo imposto pela Faculdade Nacional de Filosofia, FNFfi. A consolidação de um novo ensino normal, sustentado nas ciências da educação e o surgimento das faculdades de filosofia, ciências e letras foram os elementos significativos em relação às preocupações com a institucionalização da formação de professores no Brasil.

No final do século XIX manifestaram-se as primeiras preocupações, no Brasil, com a cientificidade da Pedagogia, quando os estudos sobre novos métodos de ensinar passaram a dominar as questões educacionais. Era o momento da primeira inserção das idéias sobre a escola nova, ancorada nos conhecimentos científicos da psicologia e da sociologia. No entanto, a filosofia foi o primeiro saber a dar as bases de sustentação do discurso pedagógico, gerando uma indistinção entre discurso filosófico sobre educação e um discurso pedagógico geral. Questões sobre ideais pedagógicos, essência da educação, fundamento moral da educação, natureza do homem, entre outras, foram questões norteadoras do discurso filosófico/pedagógico.

Aos poucos, essa fundamentação generalista e filosófica da educação, caracterizada pela Pedagogia, enquanto disciplina ou discurso pedagógico, passou a dividir espaço com uma fundamentação de caráter científico sustentado pela psicologia e pela sociologia. Referindo-se ao caráter totalizante do discurso pedagógico, Moraes (1997, p. 132) afirma que

o discurso pedagógico foi primeiro eminentemente filosófico quando ainda não havia, em verdade, discurso pedagógico; depois foi sociológico, em especial quando a sociologia tornou-se fonte de moralização social; por fim, hoje em dia, quando quer ser mais científico, é essencialmente psicológico. Não perdeu, entretanto, nem o caráter filosófico, ao querer dar um sentido à ação educativa; nem o caráter sociológico ao buscar no social a sua legitimidade. Já a psicologia é, para a pedagogia, um saber instrumental, caindo, pois, de ciência para técnica.

Com domínio cada vez mais crescente do discurso científico e técnico sobre o discurso pedagógico, a importância e os objetivos da filosofia relativos à educação foram redimensionados. Com uma referência específica ao Brasil, a partir deste estudo foi possível constatar que sua institucionalização, como disciplina ocorreu posteriormente à psicologia, à sociologia e, mesmo à história da educação em algumas instituições de ensino normal. Por outro lado, seu surgimento no currículo dos cursos de formação de professores secundários nas faculdades de filosofia, ciências e letras, das universidades, ocorreu dentro de uma cadeira denominada *História e Filosofia da Educação*. A grande familiaridade existente entre conhecimento histórico e conhecimento filosófico, manifestava-se através do estudo das idéias sobre educação dos grandes pensadores.

As idéias referidas acima conduzem à seguinte pergunta: que posição e grau de importância ocupou a disciplina filosofia da educação nos currículos dos cursos de formação de professores primários e secundários, diante do domínio crescente do discurso educacional pelas ciências e pelas técnicas?

Num contexto de avanço das ciências da educação, os objetos de interesse da filosofia da educação foram as idéias sobre educação de filósofos como Platão, Locke, Rousseau, Kant, entre outros, e o conhecimento dos principais sistemas filosóficos a partir dos quais seria possível deduzir uma compreensão de educação, de homem, de escola, etc. A preocupação com a definição dos fins que deveriam ser alcançados pelo processo educativo e os valores que deveriam ser transmitidos aos alunos apresentaram-se como objetivo primordial da disciplina. Ao tomar para si este objetivo, a disciplina tornou-se o lugar e a condição para uma reflexão abrangente sobre educação, que ia além da instrução e da informação efetivadas a partir de teorias psicológicas, e de uma preocupação com a moralização social, proposta pela sociologia.

Uma vez que à filosofia da educação cabia uma compreensão geral da educação entendia-se que

o professor secundário que, embora dominando sua especialidade, não souber integrar o seu ensino especial dentro de uma cultura moral e, ao seu aluno individualmente dentro da coletividade a que pertence, esse professor será um elemento de dissolução. Somente,

portanto, uma cultura filosófica e sociológica do professor será capaz de torná-lo um veiculador de valores em direção do mais alto interesse próprio e coletivo a um tempo (A FORMAÇÃO..., 1937).

A aceitação da necessidade de uma cultura filosófica e científica (ciências da educação), no conjunto da formação do professor secundário, tornara-se consenso mundial nos anos 30, sustentada pelas idéias reformadoras em educação. No texto, *A formação do professor secundário*, publicado nos Arquivos do Instituto de Educação de São Paulo, em 1937, eram apresentados os resultados do inquérito realizado pelo *Bureau International d'Education* acerca dessa questão³.

Especificamente, com relação à filosofia da educação constatou-se que tal nomenclatura nem sempre se fazia presente em todos os países referidos anteriormente. Os conteúdos filosóficos da educação eram trabalhados, também, em disciplinas denominadas de Filosofia, Pedagogia, Teoria da Educação, Princípios de Educação, Introdução à Filosofia. Porém, a expressão História e Filosofia da Educação predominou no currículo dos cursos de formação de professores secundários em diversos países e, no Brasil, até os anos 60.

A presença dos conhecimentos filosóficos nos currículos dos cursos de formação de professores era justificada pela necessidade de reflexão sobre os fins e os valores de uma educação democrática:

O prestígio do positivismo 'à outrance' passou e hoje não há quem não reconheça que instruir é ocioso, se não amarrarmos a cada conhecimento uma vontade e um objetivo, a cada realidade um valor, e que vontade, objetivo e valor só a filosofia no-los fornece. É mesmo surpreendente a unanimidade com que pensadores das mais diversas doutrinas acordam em que não existe escola sem essa filosofia da educação (AZEVEDO, 1957, P. 281).

Azevedo, (1957) um dos grandes expoentes da luta por uma educação renovada no Brasil, demonstrava preocupação com o avanço das ciências no campo educacional e dava à filosofia da educação uma tarefa importante, ao afirmar:

Certamente, as ciências que residem à base da educação (biologia, psicologia, etc.) subministram à técnica instrumentos preciosos de ação, mas, como lembra Leonel Franca, é uma concepção de vida que lhe

orienta a aplicação, subordinando os meios aos fins; e uma vez que os fins da educação se perderam de vista, toda obra educacional tende a limitar-se aos detalhes da prática e a reduzir-se, sem finalidade, e, portanto, sem sentido a um puro jogo de processos e de técnicas.

Embora as ciências da educação fossem consideradas a base da educação, o autor alertava para os riscos da perda de uma reflexão filosófica sobre educação, capaz de apontar suas finalidades essenciais, as quais variariam conforme o sistema filosófico e a teoria pedagógica escolhidos.

No entanto, a principal tarefa da filosofia da educação - determinação dos fins e valores da educação - não lhe era exclusiva, mas cabia também à sociologia da educação. Em seu livro *Sociologia Educacional*, Fernando de Azevedo procurou apresentar as bases de cada reflexão, numa clara tentativa de delimitação dos dois discursos no campo educacional.

Para ele, a filosofia da educação deveria ser compreendida da seguinte forma:

Se o processo educativo é o meio para um fim e não um fim em si mesmo, e se a filosofia é uma reflexão sistemática sobre a essência e os objetivos da cultura, a educação, como uma das funções fundamentais da cultura, pode e deve ser, argumenta Messer, objeto imediato da especulação filosófica, e toda a filosofia contém também uma filosofia da educação (AZEVEDO, 1957,p.282).

A filosofia da educação era entendida como originária de determinado sistema filosófico, do qual decorria uma determinada concepção de mundo, de homem e uma hierarquia de valores. Conseqüentemente, uma concepção de educação, uma doutrina/teoria pedagógica seriam daí decorrentes.

Caberia então, ao filósofo da educação perguntar-se:

quais os fins que a educação *deve ter*, dentro de determinada concepção de vida e de mundo, isto é, dado um sistema filosófico, qual a doutrina pedagógica que daí resulta: podem-se, assim estudar paralelamente as doutrinas filosóficas e as doutrinas pedagógicas e ver como estas nascem daquelas e, dado um sistema filosófico, de Platão ou de Aristóteles, de Descartes ou de Kant, **deduzir a filosofia da educação que lhe corresponde** (AZEVEDO, 1957,p.291, grifos meus).

A filosofia da educação não teria, no entanto, o papel de determinar os fins que a educação deve atingir enquanto obra das instituições educativas. Tais fins são alcançados dentro de determinadas condições de um meio social, numa determinada época, alerta. A compreensão e determinação de tais fins seria tarefa própria da Sociologia da Educação, cuja preocupação não é com teorias pedagógicas, mas com instituições educacionais, afirma Azevedo (1957, p. 283) que recebem influência “das idéias predominantes no momento histórico e as circunstâncias do meio que determinam o sentido, as formas e a direção do trabalho educativo”. À filosofia da educação caberia, então, o estudo das teorias educacionais e a dedução de implicações educacionais, principalmente dos fins, a partir dos diferentes sistemas filosóficos. Tarefa que, em grande parte, era desempenhada pelos professores de filosofia da educação ao formularem os programas da disciplina a serem ministrados nos cursos de formação de professores das universidades estudadas.

Diferentemente de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira entendia que a filosofia e, também, a filosofia da educação teriam o papel de refletir sobre o tipo de educação que melhor conduziria a uma sociedade democrática e sobre quais seriam os valores necessários à construção dessa sociedade. Tomando como referência a filosofia pragmatista, Anísio afirmava que a função da filosofia na sociedade moderna era a de

contribuir para a solução dos embates sociais e morais que o homem moderno enfrentava e que, portanto, a tarefa de todo pensador deveria ser exercida no sentido de mergulhar nas preocupações e temas correntes de sua época e daí extrair, através de uma cuidadosa e sistemática análise, um **programa de ação** capaz de aprimorar o estado de coisas do aqui e agora (SCHAEFFER, 1975, P. 63, grifos meus).

Não bastava o estudo dos grandes pensadores da filosofia e de suas teorias educacionais, a partir das quais seriam deduzidas concepções de homem, de conhecimento, de educação, por exemplo. Mais que isto, era preciso pensar sobre a educação do tempo presente e sua relação com a sociedade que era então construída. Era fundamental que o filósofo da educação submetesse a educação a um constante processo de revisão e reconstrução, superando os modelos que dominavam o sistema educacional brasileiro.

No entanto, a tradição do ensino de filosofia da educação no Brasil foi, em grande medida, o estudo das idéias sobre educação de importantes filósofos no contexto da história da filosofia. O professor, com um conhecimento destacado em história e filosofia, efetivava uma aproximação e inter-relação freqüente entre tais saberes na definição dos conteúdos a serem ensinados e na forma de sua apresentação aos alunos⁴. A dimensão histórica da filosofia e da educação/pedagogia era concretizada com o estudo de pensadores clássicos e das principais correntes filosóficas. A filosofia da educação sustentava-se na apresentação do pensamento dos filósofos, extraindo suas idéias acerca da educação. Ensinar filosofia da educação era, quase sempre, descrever a história do pensamento educacional/filosófico. A partir dessa descrição, extraíam-se as temáticas características do saber filosófico da educação, como a ética, a estética, o homem, o conhecimento, os valores e os fins, em sua relação com a educação.

A constituição da cadeira de História e Filosofia da Educação revelava a importância da indissociabilidade entre saber filosófico e saber histórico na compreensão das questões educacionais e, mesmo, da própria concepção de educação. Essa concepção remetia à idéia de educação como formação geral do homem, como cultura geral e não como preocupação específica acerca das questões dos melhores métodos e técnicas para um ensino mais eficiente. Durante muito tempo, aproximadamente, até meados da década de 70 do século XX, a filosofia e a história da educação foram disciplinas de destaque nos cursos de graduação e pós-graduação em educação e seu eixo condutor.

Em depoimento, Barros, (1998) da USP, afirmou que a filosofia da educação e a história da educação

eram muito interligadas; inclusive a filosofia da educação vinha como uma reflexão que dependia demais da história. Era uma unidade íntima entre as duas. Dava-se uma importância muito grande à formação geral, diferentemente do que é hoje na Faculdade de Educação, em que os problemas são muito mais de técnica de educação do que uma reflexão de ordem geral⁵.

O professor ainda enfatizava que a filosofia da educação e a história da educação eram a espinha dorsal do curso de Pedagogia, a história da filosofia vinha sempre acompanhando a história da educação e esta aparecia sempre fundada em uma cultura filosófica. A jus-

tificativa para tal complementaridade de saberes estava na compreensão de que a idéia de formação era a espinha dorsal dos cursos de Pedagogia. Concebia-se formação no molde da Paidéia grega ou da Bildung, no modelo alemão.

Entendíamos a história da educação não como história da pedagogia, mas quase como história da cultura, dos ideais gerais de formação, onde entravam a literatura, a ciência, todos os ramos da cultura para esclarecer por que a pedagogia era daquele jeito, que tipo de indivíduo se pretendia formar dentro daquele contexto cultural de determinada época⁶ (BARROS, 1998)

É importante atentar para o fato de que a filosofia da educação não fazia parte do Departamento de Filosofia, mas apresentava-se como um saber filosófico aplicado à educação, portanto com outras características e objetivos. Ao tomar como exemplo a Universidade de São Paulo, percebe-se que a seção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada em 1938, formou-se a partir da extinção do Instituto de Educação, com a preservação apenas de sua *Escola de Professores*. Os professores que passaram a compor a seção de Educação foram, então, os professores do Instituto de Educação, que haviam recebido uma formação acadêmica na Escola Normal da Praça da República ou em escolas normais do interior; apenas a professora Noemy Rudolfer, da área de Psicologia Educacional, havia realizado aperfeiçoamento nos Estados Unidos. O tipo de formação dos referidos professores aliado à inexistência de grandes nomes de professores vindos com a missão francesa contribuiu para o desprestígio do saber pedagógico e a sua caracterização como conhecimento de segunda ordem⁷.

Por outro lado, a seção de Filosofia e outros departamentos da FFCL da USP contavam com professores com formação específica em suas áreas de saber e vindos da França, fundamentalmente, para construir uma tradição de pesquisa rigorosa no campo dos estudos desinteressados. Segundo Arantes. (1994) a tradição da Filosofia na USP primava pela “universalidade dos grandes temas (é verdade que abordada pelos métodos miúdos da explicação de texto) e seria apanágio da filosofia universitária, mais rigorosa e politicamente mais avançada (...)”. A missão francesa representaria uma ruptura com o tipo de saber filosófico até então produzido no Brasil, nos cursos de

Teologia e Direito. Segundo ele,

a partir da viagem do Mendoza, em fevereiro de 1935, navio misto da Compagnie des Transports Maritimes, que trazia a bordo o jovem *normalien* Jean Maugué (vinha substituir seu compatriota Etienne Borne, primeiro professor responsável pelos cursos de Filosofia da nova Faculdade), principiamos a importar, peça por peça, um Departamento Francês de Filosofia, quer dizer, juntamente com as doutrinas consumidas ao acaso dos ventos europeus e dos achados de livraria, a própria usina que as produzia em escala acadêmica. Uma reviravolta decisiva em nossa malsinada dependência cultural (ARANTES, 1994, p. 61).

De um lado, um Departamento (seção) de Filosofia composto por professores franceses, que traziam um novo método para o estudo dos textos clássicos da Filosofia. De outro, um Departamento (seção) de Educação composto de professores exclusivamente brasileiros, com formação em cursos normais ou em cursos superiores como Direito, Medicina e Engenharia ou, mesmo, Teologia. A primeira geração de professores catedráticos de filosofia da educação pertencia a essa tradição⁸. Não possuíam uma formação filosófica específica, embora se possa inferir que nossos cursos superiores (anteriores à criação do modelo universitário) apresentassem, em grande medida, uma orientação filosófico-humanística, com forte caráter retórico. No Brasil, a tradição maior em Filosofia esteve, até então, vinculada aos seminários e aos cursos de Teologia e de Direito. A profissão de professor de filosofia da educação na universidade brasileira, em seu início, foi, portanto, marcada por tais condições e características. A profissionalização no campo da Filosofia da Educação começou a ocorrer quando os primeiros graduados em Filosofia e, mesmo, em Pedagogia passaram a assumir a função de catedráticos, assistentes ou instrutores⁹, a partir dos anos finais da década de 40.

A partir da análise dos programas de filosofia da educação da USP, UFRGS, PUCRS, UFRJ (antiga Universidade do Brasil), entre os anos 40 e 60, procurou-se estabelecer sua caracterização através de um quadro analítico. Os conteúdos foram classificados em quatro blocos temáticos: temas de introdução à filosofia, temas de filosofia;

temas de filosofia da educação e temas gerais.

Primeiro bloco: conteúdos de introdução à filosofia

- Introdução ao conceito de filosofia
- Evolução do pensamento mágico ao pensamento racional
- A filosofia e seus ramos
- A filosofia e seus conceitos básicos
- O lugar da filosofia
- A utilidade da filosofia
- Razões dos estudos filosóficos
- Problemas básicos da filosofia: o conhecimento, a moral, a estética, a lógica, a metafísica.
- Filosofia pura e filosofia aplicada
- Filosofia e ciência
- Os diversos conceitos de homem na história da filosofia
- A crise da filosofia

Anterior a qualquer estudo filosófico sobre educação, entendia-se necessário a apresentação, aos alunos, de uma caracterização do conhecimento filosófico, desde o seu surgimento, como reação ao pensamento mágico/mítico, seus ramos e divisões e principais problemas. Procurava-se, também estabelecer a relação entre filosofia e ciência, suas diferenças e complementaridade. Assim, seria possível explicitar o lugar e a utilidade da filosofia, não apenas no contexto da educação, mas das ciências, de forma geral.

Observando alguns livros de filosofia da educação do período, tais como Filosofia da Educação, de Theobaldo Miranda dos Santos (1942); El problema de la educación: en la historia del pensamiento occidental, de Michele Federico Sciacca (1957); Introdução à educação, de William Cunningham (196-); Problemas de educación e filosofia, de Charles Brauner e W. Hobert Burns, (1969), percebe-se a presença de temas introdutórios à filosofia. Apresentam a divisão da filosofia, seus temas principais e sua importância no quadro geral dos conhecimentos. Livros de filosofia da educação mais recentes, também, se caracterizam por reservar um espaço para conteúdos introdutórios à filosofia, como exemplo, o livro Filosofias da Educação, de Octavi Fullat (1994).

Com relação ao segundo bloco de temáticas constata-se a preocupação com a apresentação dos grandes sistemas filosóficos, a partir do período moderno como empirismo, racionalismo e período contemporâneo, como existencialismo, positivismo, por exemplo. Como decorrência de tais estudos seria possível situar os filósofos nos sistemas filosóficos específicos e compreender seu pensamento sobre educação. Pensadores como Rousseau, Locke, Kant, Comte, Spencer, Dewey eram apresentados como autores importantes do pensamento filosófico da educação.

O estudo dos grandes pensadores da educação, os filósofos da educação, era realizado a partir de referências ao contexto histórico e ao sistema filosófico. Tal estudo situava-se “na confluência de um pensamento histórico e de uma reflexão filosófica, tomando como referência-base os homens e as idéias que marcaram a evolução da pedagogia ao longo dos séculos” (NÓVOA, 1996, p.9). Decorre daí a íntima relação e interdependência entre conhecimento filosófico e conhecimento histórico, justificativa da própria constituição da cadeira de História e Filosofia da Educação.

Nas universidades, cujo órgão provedor era uma instituição ou ordem religiosa, os conteúdos dos programas da disciplina vinculavam-se à filosofia metafísico-tomista. Este fato pode ser explicado, também, pelo tipo de formação que possuíam os professores da disciplina; uma formação em Teologia e Filosofia, em cursos vinculados à Igreja, no intuito de formar, antes de tudo, o padre, o irmão religioso e não o professor de filosofia. Por outro lado, questões específicas a respeito da ética, da técnica, da linguagem da arte e da ciência podem indicar questões que eram importantes no período em questão.

Segundo Bloco: Conteúdos de filosofia pura

- Racionalismo
- Empirismo
- Positivismo
- Evolucionismo
- Historicismo
- Fenomenologia
- Pragmatismo
- Existencialismo
- Filosofia da essência e filosofia da existência

- O iluminismo francês, italiano, alemão, inglês
- Sistemas éticos
- A linguagem da arte e da ciência
- Ética e valores
- O problema da realidade
- A natureza humana
- Noção de ontologia: o ente
- Atributos essenciais do ser
- Noção filosófica do bem, verdade, perfeição
- Os transcendentais
- O problema da técnica

Em relação aos conteúdos considerados próprios da disciplina de filosofia da educação, pode-se, ainda, estabelecer uma subdivisão temática. Primeiramente, salienta-se uma preocupação em definir a filosofia da educação, em apresentar o seu conceito, suas características, seus objetivos e principais problemas. Também, as diferentes abordagens da filosofia da educação (axiologia, antropologia, culturologia). Logo a seguir os conteúdos referentes à relação entre filosofia e ciências da educação, às possibilidades do conhecimento científico da educação, à relação entre educação e ciência. Há, ainda, um grupo de conteúdos que pode ser denominado de questões gerais acerca da educação, como introdução à educação, educação e política, problemas da educação, conceitos clássicos de educação, educação humanística, etc. Um outro grupo temático refere-se a questões de ética, de valores e de fins educacionais, que foram a marca da disciplina no período estudado. Há também uma preocupação com questões referentes ao estudo de filosofias específicas e suas implicações educacionais como Dewey e o pragmatismo, filosofia perene e doutrina da educação, filosofia de Rousseau, correntes da filosofia da educação, idéias filosóficas no Brasil e suas influências pedagógicas. Por fim algumas referências à situação concreta da educação brasileira, como a temática da LDB, da universidade, do ensino primário e secundário, que foram características do contexto educacional do final dos anos 50 e da década de 60.

O estudo dos sistemas filosóficos e de seus principais filósofos e as possíveis relações e implicações educacionais organizavam-se, inicialmente, da seguinte forma: priorizava-se o estudo da filosofia, seus prin-

cipais sistemas e autores, posteriormente deduzia-se uma reflexão sobre concepção de homem, de conhecimento, de educação, de fins e valores por exemplo. A produção editorial na área era insignificante, levando os próprios professores a construírem reflexões sobre educação a partir da apresentação da história da filosofia, destacando sistemas filosóficos de acordo com seus interesses e formação. Essa situação ocorreu, mais intensamente, com a disciplina na USP, conforme relatou Roque S. Maciel de Barros, também, nas instituições de caráter confessional, como a PUCRS, embora fosse enfatizado o estudo da filosofia tomista, as implicações educacionais eram construídas pelo professor catedrático e não a partir de um manual específico.

Havia, conseqüentemente, uma ênfase no estudo aprofundado das idéias dos filósofos, reservando-se à dedução das implicações educacionais um espaço menor no contexto da disciplina. Por isso pode-se afirmar que tais programas de ensino acabavam por dar um espaço significativo ao estudo da filosofia, deslocando para segundo plano, muitas vezes, as questões educacionais relativas à disciplina.

A partir dos anos 60, começavam a aparecer livros de filosofia da educação, nos quais era feita uma sistematização da história da filosofia em grandes correntes com a dedução de implicações educacionais, *facilitando o trabalho do professor*. Podemos citar alguns exemplos. O livro *Introdução à Educação*, de William F. Cunningham, [196-] No capítulo segundo do livro, denominado *As quatro correntes filosóficas da educação*, consta um detalhado estudo sobre idealismo, materialismo, humanismo e supernaturalismo e um quadro esquemático em que, de cada uma dessas correntes eram deduzidos os seguintes elementos: natureza do homem, o homem vive, fatores de formação da personalidade humana, fundamentos filosóficos, fins da educação (fins individuais, fins sociais) e, por fim, meios na educação (conteúdos, método, controle). Outro livro bastante significativo nesta orientação é o de George Kneller, *Introdução à filosofia da educação*, publicado em 1964. Em seu livro Kneller propõe o estudo dos seguintes temas:

Capítulo 1 - Filosofia e Educação

O significado da Filosofia

A natureza da realidade

A natureza do conhecimento

Tipos de conhecimento

A natureza do valor
A natureza do pensamento ordenado
Aplicações da Filosofia da Educação

Capítulo 2 - Filosofias Tradicionais da Educação

As escolas de Filosofia
Idealismo
Realismo
Pragmatismo

Capítulo 3 - Modos mais recentes de pensar

Existencialismo
Análise

Capítulo 4 - Teorias Educacionais Contemporâneas

Progressismo
Perenismo
Essencialismo
Reconstrucionismo
Para uma Filosofia da Educação

Chama atenção o primeiro capítulo por procurar apresentar uma certa introdução à filosofia, tomando como referência a questão do conhecimento. Nos três capítulos seguintes, não se percebe uma padronização da nomenclatura, ou seja, tratam de *filosofias tradicionais da educação*, de *modos mais recentes de pensar* e de *teorias educacionais contemporâneas*. Não seriam o existencialismo e a análise, filosofias da educação? Como demarcar as diferenças entre filosofia da educação e teorias educacionais? No entanto, não se pretende dar respostas a essas questões, mas apenas apresentar o tipo de sistematização proposta por livros de filosofia da educação, que tiveram significativa influência na consolidação da disciplina e do campo de saber. Cabe ainda referir que, ao tratar das filosofias tradicionais da educação o autor pretende caracterizá-las extraindo concepções de homem, de realidade, de valores e de educação.

Tais livros se propunham a auxiliar o professor de filosofia da educação, pois apresentavam uma linguagem acessível aos alunos, servindo como um recurso didático muito importante. Assim, era dispensada a leitura, para os alunos, das principais obras dos filósofos, ficando o

estudo da filosofia da educação ao alcance de todos. O trabalho que antes era realizado pelo professor, a partir de um aprofundado estudo das idéias dos filósofos, no seu contexto cultural e histórico, tornava-se dispensável; o manual de filosofia da educação apresentava um estudo completo, ou seja, apresentava a teoria filosófica juntamente com a dedução das implicações educacionais.

É necessário ressaltar a importância que a questão dos fins e valores na educação assumiu no conjunto da disciplina no período estudado. A partir do estudo de determinados sistemas filosóficos, uma das implicações educacionais que sempre deveria ser feita era referente aos fins e valores. Tomando a filosofia de Kant, Rousseau ou Comte, por exemplo, seu pensamento acerca da educação e sua concepção de homem, era preciso extrair os fins e os valores para a educação. Se às ciências da educação cabia o estudo dos melhores métodos e técnicas de ensino, da relação professor-aluno, da realidade cotidiana da sala de aula, caberia à filosofia da educação a reflexão dos fins que se poderiam alcançar através da educação e dos valores que deveriam ser transmitidos aos alunos. Esta seria a tarefa da filosofia da educação na formação de professores, uma vez delimitados os espaços e as tarefas das ciências da educação.

Terceiro bloco: temas específicos de filosofia da educação

- Disciplina filosofia da educação como disciplina especial da Filosofia
- Conceito de filosofia da educação
- Características da filosofia da educação
- Problemas filosóficos que interessam à educação
- Significado filosófico da educação
- Os fundamentos filosóficos da educação
- A filosofia da educação e seus problemas fundamentais: educando, educador, meios, métodos e técnicas, objetivos
- Filosofia da educação como antropologia e culturologia
- Filosofia da educação como axiologia, concepção de homem, o problema prévio da filosofia da educação
- Objetivos da filosofia da educação
- Filosofia pedagógica e filosofia da educação
- Filosofia e ciências da educação
- Natureza e limites do conhecimento científico da realidade edu-

- cacional
 - Educação como problema filosófico
 - Natureza e educação
 - Educação e ciência
 - Educação e política
 - O problema educacional
 - Introdução à educação
 - Educação: arte/teoria; ciência/filosofia
 - Problemas da educação
 - Objetivos da educação
 - A natureza do ato pedagógico
 - Conceitos clássicos de educação
 - Metafísica da educação
 - Gnosiologia e educação
 - Ontologia e educação
 - Teleologia e educação
 - Razões dos estudos pedagógicos
 - O bem do homem e a educação
 - Educação humanística
 - Pedagogia e filosofia: sujeitos, fins e meios
 - Fundamentos éticos da teoria educacional
 - Fins e valores da educação
 - Fundamentos da educação moral
 - Ética e educação
 - Meios e fins da educação
 - Valores educacionais
 - Moral leiga e educação religiosa: suas relações
 - Virtude e educação
 - Introdução ao estudo de Dewey e do pragmatismo
 - Educação liberal: objetivos
 - A pedagogia social de Dewey
 - Educação progressiva: aspectos positivos, negativos e críticas
 - Pressupostos da educação democrática
 - Pedagogia: filosofia da vida
 - Sistemas pedagógicos: filosofia pedagógica do catolicismo, filosofia pedagógica não-católica
 - Situação dos estudos pedagógicos: classificação

- Papel do educador: vocação, formação
- O educando: o homem, sua natureza e desenvolvimento, aspectos antropológicos do problema educacional
- Funções pedagógicas
- Métodos pedagógicos
- Possibilidade da educação
- Ato e potência da educação
- Causas em pedagogia: eficiente, material, formal, exemplar
- Ascese e educação
- As convicções e educação
- Ordem natural e sobrenatural da educação
- Filosofia perene e doutrina da educação
- Os sacramentos e a educação
- Normas supremas da educação
- Educação intelectual
- Aspectos da educação integral
- Conceitos e objetivos da educação estética
- Natureza e fim da educação social
- Educação positivista
- Instituições educacionais
- Consequências pedagógicas negativas de Rousseau
- Educação e Humanismo
- Objetivos da educação primária e secundária
- A situação da educação brasileira
- A LDB
- Escola secundária: conceito, aspectos, organização, falhas
- A finalidade da universidade
- Idéias filosóficas no Brasil e suas influências pedagógicas
- Formulação de objetivos para a escola secundária brasileira
- Correntes da filosofia da educação

O último bloco apresenta conteúdos que ultrapassam os limites de uma reflexão filosófica da educação. São temáticas próprias das ciências da educação, como psicologia, sociologia e biologia da educação, mas cuja presença em programas de filosofia da educação pode ser explicada pela herança deixada pela pedagogia teórica. Por exemplo, em obras como *Pedagogia*, de Lorenzo Luzuriaga ou *Filosofia y nueva*

orientaciones de la educación, de A. M. Aguayo, de 1932, constata-se a presença desses mesmos temas. Aguayo propõe, em sua obra, o estudo de assuntos como: “o desenvolvimento do educando, a socialização do educando, o estudo da criança, o meio ambiente, os interesses infantis, a formação da personalidade”. Luzuriaga claramente reconhece a importância do estudo dos fatores biológicos da educação (a hereditariedade, o crescimento fisiológico, o mundo físico); dos fatores psíquicos (o desenvolvimento psíquico, a infância, a adolescência, os tipos psíquicos, as funções anímicas) e dos fatores sociais (a comunidade doméstica, a comunidade local, a comunidade nacional). E mais, a reflexão sobre a pedagogia como arte, como técnica, como teoria, como ciência e como filosofia. A filosofia da educação, ao tomar para si o estudo de tais assuntos justificava a sua definição enquanto uma reflexão geral acerca da educação.

Quarto bloco: temas gerais

- Aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos da educação
- 1- Disposições genéticas do educando
 - Estrutura corporal e temperamento
 - Hereditariedade
 - Limites biológicos e sociais da educação
 - Processos interpsíquicos
 - A questão da psicologia como ciência
 - A transferência de aprendizagem
 - Dialogar com o próximo
 - Dialogar com o mundo
 - Dialogar com Deus
 - Dialogar consigo mesmo
 - Teorias da aprendizagem

Os dados aqui apresentados nos permitem, apenas, delinear a forma como a filosofia da educação estava academicamente situada, mas a questão de sua assimilação e influência exigiria estudos empíricos mais amplos, que abrangessem os títulos publicados, revistas, tiragem, bibliografias de concurso, por exemplo.

É preciso, ainda, apontar para uma questão importante no âmbito da filosofia da educação, qual seja, a presença de conteúdos referentes à filosofia pragmatista, à filosofia de John Dewey, com todas as suas

decorrências educacionais. Qual o grau de importância que tais conteúdos assumiram nos programas de ensino de filosofia da educação?

Como se pode perceber, pelo elenco de conteúdos apresentados nas páginas anteriores, não há uma grande quantidade de conteúdos relativos à filosofia da educação pragmatista. Embora a presença de conteúdos como *introdução ao pensamento de Dewey e ao pragmatismo, educação liberal: objetivos, a pedagogia social de Dewey, educação progressiva: aspectos positivos, negativos e críticas, pressupostos da educação democrática* remetam para o significado dessa filosofia e filosofia da educação, respectivamente, não decorre daí o seu predomínio nos programas. Como já afirmamos anteriormente, a escassa ou quase inexistente formação, nos Cursos de Filosofia, em filosofia inglesa e norte-americana contemporânea, em benefício da filosofia francesa e alemã apresentou-se como uma forte justificativa de sua pouca importância no conjunto da disciplina filosofia da educação.

Apesar da pouca influência da filosofia de Dewey e do pragmatismo norte-americano, de uma forma geral, nos programas de ensino de filosofia da educação no período estudado, não há como recusar a sua influência no contexto educacional da época. O nome e a obra de Anísio Teixeira são vinculados, no campo educacional, a uma concepção nova de filosofia, de educação e de sociedade. Anísio Teixeira sempre foi considerado um nome expressivo da filosofia da educação no Brasil. Temos então, de um lado a filosofia da educação que se institucionalizou como disciplina de formação pedagógica dos futuros professores secundários, em certa medida, alheia ao grande desenvolvimento das concepções de filosofia e de educação, sustentadas pelo pragmatismo norte-americano. De outro lado, porém, percebe-se a grande influência que esta filosofia teve no campo educacional como diretriz geral, norteadora de um novo projeto educacional aliado a uma nova sociedade que se consolidava. Foi nesse espaço amplo da educação brasileira, como administrador da educação pública, que Anísio Teixeira a utilizou como referencial de seus projetos e lutas.

Notas

- 1 Com a consolidação dos Estados-Nações ocorreu uma canalização de verbas para o setor educativo, pois havia, segundo o autor, a crença nas potencialidades da educação, e entendia-se que o poder dos países poderia ser medido pelo seu nível de desenvolvimento escolar. “A importância que a formação de professores adquire ao longo do século XIX, em grande medida, pela urgência de preparar profissionais capazes de darem corpo aos novos desafios educativos”. Quanto à cientificação da pedagogia, Nóvoa afirma que há uma preocupação em empregar os métodos de pesquisa decalcados do modelo das ciências físicas e, ao mesmo tempo, há uma pressão cada vez mais intensa do discurso sociológico. NÓVOA, António. **História da Educação**: percursos de uma disciplina. Texto apresentado pelo autor no *Seminário Formação de Professores*, Universidade de São Paulo, FEUSP, dezembro, 1996, mimeo., p. 3-4.
- 2 “Uma vez que a economia não fazia exigências à escola em termos de demanda econômica, de recursos humanos; que a herança cultural havia sido criada a partir da importação de modelos de pensamento provenientes da Europa; que a extratificação social predominantemente dual na época colonial, havia destinado à escola apenas parte da aristocracia ociosa; que essa demanda social de educação, mesmo quando englobou no seu perfil os estratos médios urbanos, procurou sempre na escola uma forma de adquirir ou manter status, alimentando, além disso, um preconceito contra o trabalho que não fosse intelectual e uma vez, enfim, que todos esses aspectos se integravam, é possível afirmar-se que a educação escolar existente, com origem na ação pedagógica dos Jesuítas, correspondia às exatas necessidades da sociedade com um todo”. (ROMANELLI, [19--], p. 45-46).
- 3 Dos 56 países consultados, ocorria um preparo nas ciências fundamentais da educação - Biologia, Psicologia, Higiene, Sociologia, História e Filosofia da Educação, Organização do Ensino e Educação Comparada - em 46: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil (São Paulo), Bulgária, Canadá, Chile, Espanha, Estônia, China, Cuba, Dantzig, Dinamarca, Escócia,

Estados Unidos, Egito, Finlândia, Grécia, Guatemala, Holanda, Hungria, Índia, Inglaterra, Irã, Iraque, Irlanda (livre e do norte), Japão, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Polônia, Portugal, Romênia, Suíça, Checoslováquia, Turquia, URSS, Iugoslávia.

- 4 A filosofia da educação caracterizava-se por ser um estudo sobre as idéias dos grandes filósofos da educação, situadas num contexto amplo da história da educação e da pedagogia. Tendo sobretudo uma formação filosófica, os primeiros historiadores da educação também enfatizavam o estudo das idéias educacionais. Dessa forma, os limites entre um saber e outro eram muito tênues, quase inexistentes. Atualmente percebe-se um redimensionamento dos estudos de História da Educação, que influenciam a disciplina, e que demarcam claramente os limites entre História da Educação e Filosofia da Educação. Acerca de tais afirmações, Nóvoa diz que “de início, a História da Educação organiza-se como uma reflexão essencialmente filosófica, baseada na evocação das idéias dos grandes educadores, desde a Antiguidade ao período contemporâneo (século XIX). Através da glorificação do passado, descreve-se a evolução educativa (e da Humanidade) como uma marcha de progresso. Do ponto de vista estratégico, procura-se tirar deste passado o máximo de lições para o presente: reside aqui a justificativa principal para a presença da disciplina no curriculum da formação de professores. (...) Nos dias de hoje, há uma *diversificação* de perspectivas na forma de ensinar a História da Educação e de justificar a sua inclusão nos programas do ensino superior e universitário: por um lado, há uma espécie de redescoberta da especificidade das temáticas escolares e do papel dos diferentes actores educativos e da sua experiência; por outro lado, há uma tendência para retomar práticas de história intelectual e cultural, a partir de novas concepções teóricas; finalmente, há um regresso às origens da História da Educação através de uma revalorização das abordagens comparadas” (NÓVOA, 1994, p. 28).
- 5 Depoimento concedido à autora pelo professor Roque Spencer Maciel de Barros, em novembro de 1998.

- 6 Depoimento concedido à autora pelo professor Roque Spencer Maciel de Barros, em novembro de 1998.
- 7 Conforme Elza Nadai, a incorporação do Instituto de Educação de São Paulo à FFCL da USP deu-se apenas, através de sua Escola de Professores, em 1938; o restante do Instituto foi extinto. O fato da extinção e a forma como a FFCL recebeu os professores, que passaram a constituir a sua seção de Pedagogia, refletia a compreensão de que o professor ocupava, naquele período, uma posição subalterna na hierarquia social e a compreensão, por parte dos filósofos, de que o campo pedagógico era uma “capitis diminutio” em relação a sua missão de formar intelectuais e pesquisadores, ou seja, a elite nacional (NADAI, 1991).
- 8 O professor Roldão Lopes de Barros, da USP, cursou a Escola Normal e a Faculdade de Direito de São Paulo; o professor Raul Jobim Bittencourt, da UB, cursou a Faculdade de Medicina e foi professor do Colégio Porto Alegre e da Escola Normal de Porto Alegre. O professor Álvaro Magalhães, da UFRGS, graduou-se em Engenharia Civil pela Universidade Técnica do RS e foi professor de Física na Escola de Engenharia da UPA (Universidade de Porto Alegre). Na PUC do RS, o professor de filosofia da educação foi o Irmão Roque Maria, que cursou Filosofia na Faculdade de Direito e de Teologia.
- 9 Na USP, o professor Laerte Ramos de Carvalho era licenciado em Filosofia e tornou-se assistente da cadeira a partir de 1948; também o professor Roque Spencer Maciel de Barros, licenciado em Filosofia, pela USP, tornou-se assistente da cadeira a partir de 1951. Das três assistentes do catedrático Raul Jobim Bittencourt, da FNF, a professora Maria Angela Vinagre de Almeida e a professora Nelly Aleotti Maia fizeram o curso de Pedagogia e a professora Terezinha Corseuil Granato fez o curso de Filosofia. Na UFRGS, também as assistentes e instrutoras do professor Álvaro Magalhães haviam realizado curso de Pedagogia ou Filosofia.

Referências

- AGUAYO, A.M. *Filosofia y nuevas orientaciones de la educación*. Habana: Cultural S.A.,1932.
- ARANTES, Paulo E. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura uspiana (uma experiência nos anos 60)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- AZEVEDO, Fernando de. *Sociologia educacional: introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais*. 4. ed. São Paulo : Melhoramentos, 1957. (Obras Completas, 10).
- A FORMAÇÃO do professor secundário. Archinos do Instituto de Educação, São Paulo, v.3, n.3, 30 mar. 1937.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *Pedagogia*. 3. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- MORAES, Amaury C. *Uma crítica da razão pedagógica*. 1997. Teses (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São paulo, 1997.
- NADAI, Elza. *A Educação como apostolado: história e reminiscência (São Paulo 1930-1970)*. 1991. Tese (Livre Docência em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1991.
- NÓVOA, António. *História da educação: percursos de uma disciplina*. São Paulo: USP/FEUSP, 1996. (Texto mimeografado apresentado pelo autor no Seminário Formação de Professores).
- _____. *História da educação*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa, 1994, mimeo, p. 28.
- ROMANELLI, Otaíza. *História da educação no Brasil 1930-1973*. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, [19--].
- SCHAEFFER, Maria Lúcia. *Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações*.1975.Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1975.

Abstract:

This study points out some significant elements of the historical process went through by the discipline Philosophy of Education between 1940 and 1960, as it was taught in the Faculties of Philosophy, Sciences and Letters of the following Brazilian universities: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), and Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). The article stresses the importance of philosophical studies in teachers education courses, as well as the relationship these studies established with the sciences of education and the different teaching programs. Finally, it describes the characteristics they presented in each institution.

Keywords:

Philosophy; Education; formation

Resumen:

En este estudio son mostrados algunos elementos significativos de la constitución histórica de la asignatura Filosofía de la Educación en las Facultades de Filosofía, Ciencias y Letras de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de la Universidade de São Paulo (USP), de la Universidade de Rio de Janeiro (UFRJ) y de la Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), entre los años de 1940 y los años de 1960. Se destaca la importancia que tuvieron los estudios filosóficos sobre la educación para los cursos de la formación de profesores, la relación establecida con las ciencias de la educación, los distintos programas de enseñanza desarrollados así como las características que incorporaron en cada institución.

Palabras claves:

Filosofía; Educación; formación.

UFSM
Cidade Universitária de Camobi
97119-010 - Santa Maria - RS

Recebido em: 26/12/2000
Aprovado em: 04/04/2001